



Se poeticamente o humano habita o mundo, poeticamente Deus habita o humano

*Alex Villas Boas**

A leitura é uma procura incessante de sentido da vida. E só o procura porque ele se esvai e fica insuportável uma vida sem sentido. A busca é próprio desse ser humano que se depara com uma vida absurda e confusamente percebida, que não oferece qualquer garantia. Absurda a começar pela inevitável morte que tão vulnerável é o ser humano. Depois, sendo vulnerável, quão cruel pode ser sua maneira de se proteger do medo de que o outro o faça sofrer.

Contudo, apesar de absurda, há um mistério na vida que nos permite encontrar, apesar de tudo, um sentido para se viver, alguém para amar, algo pelo qual lutar, um motivo para continuar... Um verdadeiro mistério que emerge do próprio caos como experiência de sentido que oferece beleza ao que, não obstante é, poderia ser horrendo, e assim inspira

a reinvenção de um novo mundo. As testemunhas por excelência desse mistério escondido são as letras, que velam e re-velam seu sentido, tal qual um enigma que fica à espera da pergunta pelo sentido da vida. Como todo enigma, há uma exigência, só des-venda que o procura.

Não somos nós que fazemos a pergunta pelo sentido da vida, mas a própria vida nos faz, quando exatamente as coisas já não fazem sentido e o coração humano continua pulsado por ter algo pelo qual viver. Mas também quando exatamente quando a vida nos inspira a encontrá-lo, de muitas formas, e sem forma *de-finida* alguma, pois é mistério e está além de toda forma. Como enigma, esconde algo de grandioso que pede sua *de-cifração*, e eis que nasce a linguagem, como cifras a serem não somente lidas, mas executadas onde as *formas* da beleza vão sendo assimiladas no interior humano que transbordam como fonte de sentido em seu agir, e eis o poeta, o que cifra o mundo, que nele se inspira, para outros também experimentarem. A linguagem é exatamente a de-cifração do mundo, e de modo especial a linguagem poética, que nasce da escuta atenta à essa vida maravilhosa e horrenda ao mesmo tempo, mas que algo faz o poeta acreditar que pode fazer sentido a vida, quer seja quando nos provoca ao encanto, quer seja quando não permite que nos percamos em delírios de nossas ilusões. É pelo surgimento da linguagem que o ser humano se humaniza e constrói uma sociedade em que suas formas sociais correspondam as formas daquilo que forma a sua consciência.

A Teologia tenderá a dizer que este “algo” que dá sentido à vida é “Alguém”. A Literatura ora concorda, quando este “Alguém” também provoca esse “algo”, mas com todo direito, des-confia de um “Alguém” que tão pouco tem “algo” a dizer à tarefa humana de ser humana, e mais ainda, quando em nome deste “Alguém” legitima as cegueiras que desumanizam a vida. Aqui a poesia é teológica quando é atéia, porque diz Deus no avesso. Quando o discurso sobre Deus não enxerga suas cegueiras é porque deixou de ser inspirado, ou seja, deixou de ser provocado por algo/Alguém que lhe provocava uma paixão pela vida, e assim, se torna apático com a vida concreta das pessoas e da sociedade para inventar um mundo paralelo, no qual se refugia e sacrilégamente chamará “céu”, como distância da condição humana. O *santo* que Zaratustra encontra não mais

ama os homens para amar a Deus¹:

Pois por que — disse o santo — vim eu para a solidão? Não foi por amar demasiadamente os homens? Agora amo a Deus; não amo os homens. O homem é para mim, coisa sobremaneira incompleta. O amor pelo homem matar-me-ia.

É a partir desse momento que “Deus morreu”! Morre não porque já não tem mais nada a dizer a vida, mas sim porque já não o escutam, e o tratam como morto. Colocam em “Suas” palavras a legitimação da apatia de seus corações. Esse “deus” não era mistério, era um fantasma que assombrava pelo medo, e sua linguagem apática era teológica.

É aqui que a visão literária de Deus não é menos importante que a visão teológica, pois aquela por ser uma linguagem que nasce da escuta nunca deixou de escutar o Mistério da vida, esta por sua vez, acabou por sofrer de *esclerocardia* e surdez afetiva, dada sua paixão, demasiada paixão, pela razão cartesiana, que por sua vez temia a paixão, por fazer perder a razão. Nas palavras de Voltaire, o bom teólogo é aquele que tem um “*coração gelado*” e por isso o conselho²:

Acaso era necessário odiar-se, perseguir-se, degolar-se por essas quimeras incompreensíveis? Corram com os teólogos, e o universo ficará tranqüilo (pelo menos em matéria de religião). Admitam-nos, dêem-lhes autoridade, e a terra será inundada de sangue.

Para o filósofo francês, a espada do frio teólogo se chama “dogma” e é causa de todas as barbáries, de modo que para conhecer a Deus não basta “*uma razão para o conhecer*” mas fundamentalmente ter “*um coração para o amar*”³. Mais propriamente falando, Voltaire criticava o “dogmatismo” de uma linguagem cristã de Crandade, ou seja, criticava o modo de ser apático de um cristianismo cultural que era usado para legitimar as escusas escolhas políticas de seu tempo, e que as Letras oriundas de uma consciência marcadamente huma-

1. NIETZSCHE, Friedrich. **Also Sprach Zarathustra**, II, 31.

2. *Ibidem*, p. 178.

3. VOLTAIRE, **Deus e o homens**, p. 180.

na, não aceitariam uma linguagem (modo) de ser desumano, por mais sagrada que pudesse ser a linguagem. O dia em que a linguagem teológica desumaniza é sinal que já não é Deus quem fala, mas alguém que se aproveita de Sua fama.

Contudo, arrisco a dizer que há um *dogma* entre as inúmeras Literaturas e Teologias. Para a Teologia cristã dos primeiros séculos o dogma é uma *communicatio idiomatum*, uma comunicação de um modo de ser, percebido na pessoa de Jesus como um “Deus que é humano”, e que sendo, em primeiro lugar uma oração e só depois uma definição doutrinária, o dogma é uma experiência no qual esse modo de ser de Deus se comunica, se autocomunica em seu Espírito. O que confere a *auctoritas* no Cristianismo antigo é a capacidade de comunicar o Espírito, ou seja, o modo de ser de Deus, seu *idiomatum* que passa a fazer parte do meu modo de ser, e inspira a outra linguagem humana. Aqui a compreensão primitiva de *dogma* coincide com a capacidade de Deus nos *inspirar*, em seguimento à primeira forma de escrita teológica, ou seja, a Literatura Bíblica, que é marcada por essa inspiração, e por isso é tida como autoridade. O que essa inspiração comunica, é vida e consciência de vida no caos, como inicia a Literatura Bíblica, sopra sua inspiração onde quer como diz o literato João, também chamado Evangelista, e é um ponto pacífico para a Teologia que esse Deus é capaz de se esconder nas Letras, não porque elas são sagradas de per si, mas porque Ele as torna sagradas, ou seja, portadoras de vida.

É por sua capacidade de comunicar um sentido a vida que a Literatura é sagrada, e aqui toda literatura que fala aos coração humano provocando-lhe vida, provoca ao encanto e nos põe em reverência diante do Mistério. Compete a Teologia, como razão hermenêutica, ajudar a encontrar esse *latens deitas* que o *poeta theologus* que subsiste em Tomás de Aquino, antes de seu dever de escolástico, compõe e canta⁴.

Ademais, a Literatura, em sua centralidade antropológica, sempre será uma instância crítica que alerta à responsabilidade *com* e *do* humano. Por outro lado, tendo desmascarado as caricaturas de Deus que a tentação da apatia teológica provoca, pode ouvir um outro Deus, que é humano, ou mais ainda que é

4. Trad.: “Deus escondido” do canto *Adoro te devote* atribuído a São Tomás de Aquino.

o humano do humano, e que nos faz humano. Este é o *dogma* que as Literaturas e as Teologias comungam, que a vida tem sentido e é o que nos faz humanos. Nada melhor que a crítica racionalista ao dogma para dar todo o sabor dessa palavra. Como dogma, segundo o racionalismo, é algo *absurdo* porque não se pode provar, como absurda é a experiência de teólogos e literatos de crer no ser humano e na vida. Experiência que não inventou do nada, mas da vida que lhe provocou e não conseguiu escapar de sua sedução. A pena de literatos e teólogos buscam uma única verdade, pois como diriam os hindus: “A Verdade é única, embora os sábios a conheçam como muitas”⁵ e não muito diferente diria o poeta escolástico Tomás: “Toda verdade, dita por quem quer que seja, vem do Espírito Santo enquanto infunde em nós a luz natural e nos dá a moção necessária para entender e exprimir esta verdade”⁶.

Assim em uma neomodernidade, a verdade é necessária ser lida como veracidade, como sabedoria de vida que emana de uma experiência que dá sentido a vida e passa a ser fonte de todo agir. Nada melhor que teólogos e literatos para compreender a profundidade de que a Palavra se fez humano, e nos fazer humano é sinal da presença inspiradora deste absurdo Mistério de crer que essa absurda vida tem sentido.

Assim nasce a Teoliterária, com o intuito de divulgar e propagar as inúmeras literaturas e teologias que confessam esse credo, bem como fomentar a pesquisa entre Teologia e Literatura, em plena fase de desenvolvimento, em uma *unidade sem confusão*, de modo que se respeite superando uma cultura de litígio herdada de décadas anteriores, a diversidade da busca como profusão da vontade de sentido.

Colaboram para que esta vontade se concretize pessoas que tem se dedicado a este diálogo, como é o caso dos dois Editores Assistentes, Francisco Surian e Mônica Campos, ambos da área da Comunicação e também teólogos que redescobrem a *Palavra*, com tudo o que isso significa para os dois, pela Literatura. Também vale lembrar a equipe de redação que trabalhou para esta edição nas-

5. Livro I do Rig Veda, Hino CLXIV, verso 46 cf. <http://www.sacred-texts.com/download.htm>

6. “*omne verum, a quocumque dicatur, est a Spiritu Sancto sicut ab infundente naturale lumen, et movente ad intelligendum et loquendum veritatem*” cf. Suma Teologica, I-II, q. 109, ad. 1.

cer: Renata Nakano, com sua experiente atuação em revistas; Luciana França, nossa inspirada designer, Danilo Pascoalim, promissor estudante de teologia, Cristiana Coimbra especialista em literatura inglesa e Randy Harrison, que atua como comunicação e estudos culturais na Universidade de Michigan. Não podemos deixar de agradecer os diversos colaboradores de inúmeras universidades dentro e fora do Continente. Nossa grata satisfação por unirmos esforços.

Os artigos refletem desta edição — *Só poetas — múltiplas relações entre Poesias e Teologias* — revelam tal profusa busca de sentido, em que o pensamento poético é muito próximo do pensamento teológico. Um inspira ao outro, seja para re-afirmá-lo, seja para recusar sua forma inadequada de receber o mistério. O primeiro trabalho, da Profa. Elena Calderon del Cuervo, da Universidad Nacional de Cuyo, Argentina, resgata o vínculo histórico dessas relações, ao falar do surgimento da “poesia cristã” na época de Constantino por Juvenco (séc. IV), que atribuía a inspiração de seus versos ao Espírito Santo⁷, e que tem um papel fundamental no desenvolvimento da teoria literária e o discurso crítico devido a adaptação do modelo clássico de Virgílio aos temas cristãos. Estudos esses que têm início de uma pesquisa mais sistemática apenas no século XX.

O artigo da Profa. Eliana Yunes da PUC-Rio e atual presidente da ALALITE, é um exemplo claro de como a recepção de uma linguagem não é passiva, mas ocorre um deslocamento de sentido entre a linguagem recebida e o processo de significação de quem recebe e executa o texto, tal qual uma partitura. Assim é a questão de Deus na poesia brasileira modernista, elencando ao menos três grandes recepções estéticas, com uma poesia confessional, uma não-confessional e uma ateu/agnóstica, enfocando a busca mais que o achado, como incapacidade da poesia de limitar o mistério.

Bom exemplo dessa falta de limite poético é o trabalho de Anaxsuell Fernando da Silva, da Universidade Estadual de Campinas, como a temática de Deus foi a que mais inspirou a sua poesia. Segundo o autor, os diversos heterônimos de Pessoa revelam sintomaticamente uma “religiosidade líquida”, fa-

7. “Ergo age! sanctificus adsit mihi carminis auctor Spiritus, et puro mentem riget amne canentis Dulcis Jordanis, ut Christo digna loquantur” cf. *Evangelorum Libri In: Patrologia Latina*, 19.

zendo uma analogia entre o comportamento do indivíduo com a divindade e o comportamento do indivíduo com a sociedade.

O artigo de Gabriela Jerez Garcés, Professora da Universidad de Concepción, Chile, revela a dinâmica espiritual da poeta chilena Teresa Wilms Montt (1893-1921), de como seu “ato poético” se assemelha ao “ato místico”, onde a existência é o âmbito do mistério que a poeta intui os mistérios sussuros da eternidade que se encarna no tempo. A poesia é uma incursão da linguagem na vida espiritual devido à sua capacidade de intimidade. Tendo penetrado o coração humano a poesia transmuta um “eu individual” para “um eu coletivo” como parte de todas as coisas.

Nossas outras contribuições continuam enriquecendo esta edição. O trabalho de Maria Clara Bingemer, primeira presidente da ALALITE, versa sobre a relação que o pensamento e a mística de Simone Weil (1909 – 1943) tem com a literatura, especialmente as fábulas e os contos que possuem verdadeiras intuições da Verdade vindas do mais profundo da inconsciência da humanidade e que depois se tornam verdades acreditadas e apropriadas para as culturas e civilizações.

O trabalho de Leandro Garcia Rodrigues, é uma trajetória da do percurso de “conversão” do poeta Alceu Amoroso Lima (1893-1983), testemunhado por sua epistolografia. Contemporâneo de Teresa Wilms e Simone Weil, temos em um olhar sinótico três grandes reações a um período de grandes dificuldades e pouco diálogo.

Nos brinda ainda nessa edição, pelo Prof. Georg Langenhorst da Universidade de Augsburg, Alemanha, a leitura do surgimento do tema de interesse investigativo na Europa em Teologia e Literatura, e como de uma unidade original a Literatura foi ganhando autonomia cultura da Teologia, e qual as condições atuais dessa interdisciplinariedade.

No Relato de Pesquisa de Gisele Lemos, há uma instigante incursão pela estética indiana que permeada pelo olhar do Hinduísmo, em que a experiência estética é vista como experiência soteriológica, por meio do saborear a essência do Mistério.

Ainda nesta edição pudemos homenagear ao mais novo imortal da Academia Brasileira de Letras, o Professor Marco Lucchesi, em texto carinhoso e sintomático de sua profunda poesia, escrito pelo Professor Faustino Teixeira, também amigo pessoal do homenageado.

Sendo o primeiro número da Teoliterária, apresentamos na seção Resenha a primeira obra que inaugura a pesquisa em Teologia e Literatura no Brasil, a saber o livro Teologia e Literatura de Antonio Manzatto, atual vice-presidente da ALALITE.

Por fim, tivemos a graciosa e agraciada conversa, um “dedinho de prosa” como se diz em Divinópolis, com a poeta Adélia Prado. Uma conversa breve, como que pega com as malas prontas para sair, mas que por sua singela riqueza poética, tivemos o prazer de lançarmos a Teopoética ouvindo da boca da autora neste volume de *Só poetas* que “*quem gosta de poesia já ta quase salvo*”. Arriscaríamos a dizer, *extra poesia nulla salus*, em que fora da reinvenção de si não se pode salvar a própria história? Como dizer se dentro do Mistério da linguagem, só se pode ser desvendado seus enigmas se o interlocutor com ela se envolve? Sendo assim, devo dizer “*penetra surdamente no reino das palavras*”⁸ porque “*no descomeço era verbo/só depois vem o delírio do verbo*”⁹. Como diria Hölderlin se, “*poeticamente o humano habita o mundo*”¹⁰, poeticamente Deus habita o humano, reinventando o sentido da vida.

Sinta-se em casa!

8. Carlos Drummond de Andrade, *Procura da Poesia*.

9. Manoel de Barros, *Uma Didática da Reinvenção*, VII

10. Hölderlin, *Germania*.